

OPEN



exemplar modelo

sara orsi

#00

índice

3. dissidências, vera lopes, ensaio
5. grão, tiago andrade, ensaio
6. rayuel-o-matic, joão valente, artigo
7. estranhas relações, úrsula duarte, ensaio



dissidências

vera lopes
ensaio

“A DOIS DIAS é uma editora dissidente (...)”[1]

A dissidência, enquanto conceito, constitui-se como uma ruptura com o outro ou à saída de um grupo devido a divergências de opinião. É um gesto de saída voluntário e comprometido, ao contrário da fuga ao dever que caracteriza a deserção. Os dissidentes acreditam em algo e procuram-no fora das esferas referenciais. Buda foi dissidente dos Brâmanes; Marx, da filosofia pura; Einstein, de Newton. Na infundável história das dissidências, talvez uma das mais marcantes foi a de Aristóteles em relação a Platão, quando, após a morte do seu mestre e excluído da liderança da Academia, Aristóteles funda o seu próprio Liceu com ideias renovadas. Dessa dissidência, nasceram os vértices do campo onde cresceu o pensamento ocidental.

Hoje, ser dissidente não é tarefa fácil, converteu-se numa posição susceptível de cair na ambiguidade. A nossa narrativa histórica já não se encontra numa linha recta ou num círculo, à semelhança das literárias transformou-se numa narrativa fragmentada, múltipla, plural e, também, divergente. Se, antes, havia caminhos claros e territórios definidos, agora, os seus limites estão esbatidos. Tornou-se, então, difícil definir quando estamos dentro ou fora ou o que é estar dentro ou fora. Neste sentido, também o gesto dissidente tem

alguma dificuldade em se referenciar para, depois, se desreferenciar.

No texto de apresentação do workshop Samizdat é afirmado: podemos enquadrar a maioria das manifestações de “self-publishing” como gestos políticos ou ideológicos, que desafiam sistemas de representação, apresentação e circulação da produção artística[2]. O self-publishing encontra-se, assim, como um gesto que, no seu compromisso, desafia. No entanto, se por um lado falamos de um acto de compromisso, por outro, nos referimos a um acto de liberdade, e é nesta tensão, compromisso/liberdade, que este tipo de publicações acontece enquanto manifestação marginal de carácter dissidente.

Desenvolvendo esta ideia, apesar de, aparentemente, os termos encontrarem-se diametralmente opostos, no momento em que se tocam, cada um adquire uma nova dimensão. Ou seja, liberdade com compromisso é diferente de liberdade sem compromisso e compromisso com liberdade, do mesmo modo, se difere de compromisso sem liberdade. O que se procura, claramente, neste caso, é o compromisso com liberdade e a liberdade com compromisso. Interessante é observar que estas duas relações embora sendo bastante diferentes e complementares, ao mesmo tempo, abrem-nos um sinuoso

campo de acção que se estende num lugar de horizontes esbatidos. Nesse lugar, neste presente, e num momento em que o self-publishing também se encontra num sentido de massificação de produção, embora de micro-escala enquanto unidade, quando todas juntas afiguram-se como representação significativa, tornando difícil primeiro rotulá-lo, e, segundo, defendê-lo enquanto movimento marginal.

Assim, à semelhança do gesto dissidente, existe, actualmente, alguma dificuldade em referenciar o self-publishing pois, também, na sua génese consiste numa manifestação pessoal e independente, o que abre portas para uma pluralidade de objectos e intenções. E aqui, talvez, chegamos ao ponto fulcral: o self-publishing enquanto acto de publicar, não tem nada de dissidente ou marginal, é apenas o utilizar de uma liberdade que nos assiste, com os meios que dispomos. Contudo, enquanto gesto de posicionamento, compromisso com liberdade em relação ao conteúdo, utilização da página enquanto espaço de acção, quer-se marginal e em todo dissidente, pois é na ruptura que provoca que podem surgir novos lugares com novos horizontes que por sua vez, esperemos, tenham os seus próprios dissidentes e por aí adiante.

O que a Dois Dias faz enquanto editora é criar, exactamente, essa ruptura, esse espaço onde as possibilidades alcançadas através de um processo de self-publishing,

contaminam processos convencionais de publicação, permitindo um novo tipo de abordagem não tão focado no sucesso financeiro de um livro, mas no seu compromisso enquanto contributo para a construção de uma democratização da cultura.

[1] <http://doisdias.wordpress.com/about/>

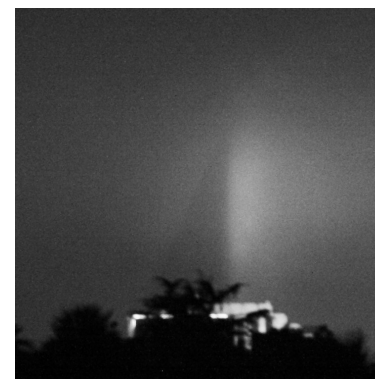
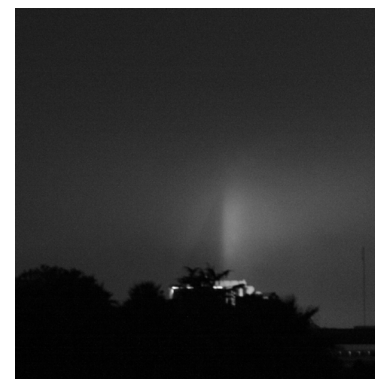
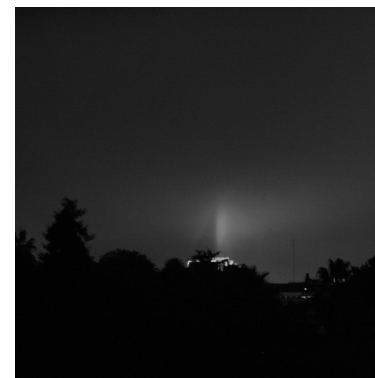
[2] GONÇALVES, Sofia, Competição ou Cooperação: das publicações como espécies em evolução, entre idealismos e ideologia. Pág. 26.

open-x : 31.01.2013 : #00 : exemplar modelo : sara orsi

open-x : 31.01.2013 : #00 : exemplar modelo : sara orsi



grão
tiago andrade
ensaio





rayuel-o-matic

joão valente

artigo

Num recreio, num jardim ou num pátio, um dia, todos vimos, desenhados no chão, uma sequência de quadrados nos quais, ao pé-coxinho, saltámos de um para o outro, enquanto tentávamos acertar, com uma pedra, no seguinte. Na Argentina, este jogo chama-se *Rayuela*[1] e, na sua variante, a primeira casa é a *terra* e a última o *céu*. Esta mesma metáfora/simbolismo, de um sinuoso caminho entre a terra e o céu, constitui não só o título, mas acima de tudo, o motor da(s) narrativa(s) que se desdobra(m) na obra de Júlio Cortázar, *Rayuela*.

Escrita em Paris, em diversos apartamentos e ao longo de vários anos, *Rayuela* foi publicada pela primeira vez em 1963. Cortázar, *en el otro lado del charco*[2], consegue, finalmente, a distância necessária para romper com a tradição realista da literatura hispânica e aproximar-se das construções do *Boom Latinoamericano*, onde a fantasia surge como potenciadora da realidade.

Ao abrir o livro, o leitor, logo na primeira página, depara-se com um *tabuleiro de direcções*. Neste, onde são apresentadas algumas sugestões de ordem de leitura, somos convidados para uma inaugural *pluralidade de leituras* [3]. Dá-se, então, início ao jogo no qual o leitor passivo transforma-se em leitor activo; um jogo jogado por nós, leitores, jogado pelas personagens e, numa a um outro nível,

entre o leitor e as personagens, nesta *partida infinita* ou jogo *desorientado* que constitui a vida.

Uns anos mais tarde, a esta leitura plural, Cortázar na *Volta ao Dia em 80 Mundos*, dá-lhe um carácter mecânico ao apresentar a Rayuel-o-matic, a máquina de leitura da Rayuela, sobre a qual foram enviados documentos com o timbre do Instituto de Altos Estudos Patafísicos de Buenos Aires. Configurando-se como uma caixa *duchampiana* para ser utilizada na cama (de preferência), esta máquina contém uma série de gavetas, accionadas por diferentes botões, que dão origem a diferentes sequências de abertura e, consequentemente, a diferentes leituras. Juntamente com estes documentos, foi enviado um gráfico de leitura, no qual, a imagem produzida é uma *projecção gráfica*[4] onde linhas se entrecruzam, num borrão, ao mostrarem o percurso pelos vários capítulos.

[1] Em português rayuela chama-se jogo da macaca.

[2] Expressão argentina para se referir ao outro lado do Atlântico.

[3] Expressão utilizada por Andrés Amorós para se referir à possibilidade de várias leituras da Rayuela.

[4] CORTÁZAR, Júlio. *A Volta ao Dia em 80 Mundos*.

open-x : 31.01.2013 : #00 : exemplar modelo : sara orsi



estranhas relações

ursula duarte

ensaio

Demoliton Man

<http://youtu.be/6DZ7DfrTDds>



Mulholland Dr.

<http://youtu.be/6DZ7DfrTDds>



open-x : 31.01.2013 : #00 : exemplar modelo : sara orsi

A OPEN X assume-se como uma revista em formato impresso e digital que, ao propor desafios no campo do pensamento e da prática das actividades criativas, tem como objectivo gerar e partilhar conhecimento. Digitalmente, configura-se como um arquivo aberto, o qual, permite filtrar, organizar e associar informação. Na sua forma impressa, não tem periodicidade, tiragem ou número de páginas fixas, cabe a cada leitor compilar, imprimir e encadernar a sua própria edição.